

A ficção passeia pelas ruas: Olhar de Jorge Amado em *Bahia de Todos-os-Santos*

Celeste Maria Pacheco de Andrade (UNEB)*

<https://orcid.org/0000-0002-7308-8782>

Resumo:

O presente artigo estuda algumas representações sobre a cidade da Bahia e tem como corpus o livro *Bahia de Todos os Santos: guia de ruas e mistérios* (1945), do Jorge Amado (2012-2001). Essas representações estão ancoradas em uma cidade do período Colonial e a obra a evidencia no seu caráter funcional da nacionalidade brasileira. O objetivo é identificar a cidade revelada pela ficção no livro-guia e para fundamentar a análise utilizamos a noção de representação na perspectiva de Roger Chartier (1945-....) alinhada com a Nova História Cultural. O artigo está dividido em duas seções: a primeira intitulada “Um convite: guia de ruas e mistérios” faz-se a apresentação do livro e o seu caráter de mapa de navegação; a segunda, “Um passeio: ver/ver-se a/na cidade” consta das representações do ficcionista sobre a cidade da Bahia. Os resultados deste estudo demonstram que as representações presentes ao longo da obra revelam o intuito de dar visibilidade a uma Bahia como um lugar de origem, que organiza uma ideia de nação, que inclui uma baianidade como referência. Nesse sentido, é possível que se efetive a compreensão de Jorge Amado que a tornou conhecida como vitoriosa na construção da nacionalidade brasileira a partir da Bahia.

Palavras-chave: Bahia; Ficção; Jorge Amado; Representação.

Abstract:

Fiction walks through the streets: Jorge Amado’s look at Bahia de Todos-os-Santos

This article studies some representations of the City of Bahia and has as its corpus the book *Bahia de Todos os Santos: Guia de Ruas e Mistérios* (1945), by Jorge Amado (2012-2001). These representations are anchored in a city

* Pós-doutorado em História (Universidade Federal da Bahia). Doutorado em História Social (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). Mestre em Ciências (Universidade Federal da Bahia). Licenciatura e Bacharelado em História (Universidade Federal da Bahia). Bacharelado em Direito (Universidade Católica do Salvador). Professora Titular da Universidade do Estado da Bahia atuando no Curso de Licenciatura em História e no Programa de Pós-Graduação em História: História, Cultura e Práticas Sociais. Líder do Grupo de Pesquisa “Políticas públicas e gestão escolar: aspectos socioculturais e contemporaneidade” (DGP/CNPq). Avaliadora institucional e de Curso de Graduação (INEP/MEC). Membro da Rede Brasileira de Educação em Direitos Humanos (ReBEDH). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7114377884194080>. E-mail: candrade@uneb.br.

of the Colonial period and the book evidences it in its functional character of the Brazilian nationality. The objective is to identify the city revealed by the fiction in the guidebook and to base the analysis we use the notion of representation from the perspective of Roger Chartier (1945-....) aligned with the New Cultural History. The article is divided into two sections: the first entitled “An invitation: a guide to streets and mysteries” presents the book and its role as a navigation map; the second, “A tour: seeing/seeing oneself the/ in the city” is part of the fiction writer’s representations of the City of Bahia. The results of this study demonstrate that the representations present throughout the work reveal the intention of giving visibility to a Bahia as a place of origin, which organizes an idea of nation, that includes a baianity as a reference. In this sense, it is possible that Jorge Amado’s understanding becomes effective, which made it known as victorious in the construction of Brazilian nationality from Bahia.

Keywords: Bahia; Fiction; Jorge Amado; representations.

Introdução

Este estudo analisa representações da Cidade da Bahia no livro-guia *Bahia de Todos os Santos: guia de ruas e mistérios* (1945) do escritor Jorge Amado. Essa cidade da ficção está ancorada na cidade fundacional da nacionalidade brasileira. Nessa perspectiva fundacional, uma suposta singularidade da Bahia e dos baianos.

Parte-se do pressuposto de que esta Bahia está delimitada geograficamente pelos contornos da velha Salvador, primeira cidade e primeira capital, e do recôncavo. É sobre essa “bahia” que representações recorrentes terminaram sendo responsáveis por uma ideia, a nosso ver, pretensamente hegemônica, em relação às outras realidades da territorialidade do estado da Bahia.

Nesse sentido, a partir do livro-guia *Bahia de Todos os Santos: guia de ruas e mistérios* (1945) do escritor Jorge Amado (2012-2001), que recortamos algumas afirmações sobre essa Bahia, ancoradas na noção de representações com base em Roger Chartier (1945-....) e na perspectiva da Nova História Cultural. Segundo Chartier (1988, p. 20), “representação é instrumento de um conhe-

cimento mediato que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma ‘imagem’ capaz de reconstituir em memória e de o figurar tal como ele é”.

A Nova História Cultural é uma das correntes historiográficas mais exploradas por pesquisas na área das Ciências Humanas e Ciências Sociais por contribuir para fundamentar questões teóricas e metodológicas. Tem suas matrizes ancoradas na história das mentalidades, e em muito enriqueceu os debates em torno da história, incluindo conceitos como representações e imaginário. Esta abordagem relevante para os estudos culturais e pelo fato de oportunizar a ampliação de objetos de investigação serviu no diálogo para o estudo proposto neste artigo, de análise de algumas representações sobre a Bahia, como síntese da nacionalidade a partir do livro-guia *Bahia de Todos os Santos: guia de ruas e mistérios* (1945) do escritor Jorge Amado.

O artigo está dividido em duas seções: a primeira intitulada “Um convite: guia de ruas e mistérios”, na qual é feita a apresentação da obra evidenciando o seu caráter de

mapa de navegação; a segunda, “Um passeio: ver a cidade e ver-se na cidade” consta das representações sobre a cidade da Bahia, a partir de recortes de espaços e lugares que fazem o viajante navegar através da visão do escritor. Nas considerações finais apresentamos os resultados dessas análises, ou seja, as representações da ficção no sentido de mostrar uma cidade fundacional de uma nacionalidade.

Um convite: guia de ruas e mistérios

Nesta seção fazemos uma apresentação do escritor Jorge Amado e do livro-guia, corpus deste artigo, guia *Bahia de Todos os Santos: guia de ruas e mistérios* (1945). A edição que adotamos para este estudo é a 35^a e merece o registro de Paulo Tavares, estudioso da obra de Jorge Amado que faz a apreciação de que

O livro apresenta, com atualização feita em 1970, sessenta e seis capítulos ou itens, vários deles objetivando simples indicações enquanto outros atendo-se a informações ou estudos, não sendo raro que um sopro poético perpassasse por muitos deles. (TAVARES, 1983, p. 122).

A inserção de Jorge Amado no contexto da literatura nacional está diretamente marcada pela discussão do nacionalismo e um dos seus desdobramentos, o Regionalismo. Isso ocorre em *Bahia de Todos-os-Santos: guia das ruas e dos mistérios da cidade do Salvador* (1945). O subtítulo *guia das ruas e dos mistérios da cidade do Salvador*,¹ revela a intenção de mostrar a cidade por meio do seu legado colonial, enfatizando os seus atributos naturais e topográficos, arquitetônicos e humanos, desenvolvendo aí a tese do caldeamento de raças e culturas.

1 Este subtítulo se refere a primeira edição do guia. A que estamos utilizando para este estudo é a 35, de 1983.

O surgimento de Jorge Amado no cenário literário e intelectual do Brasil dá-se num contexto, para nós, bastante favorável para o escritor, citado entre autores clássicos que, juntamente com ele, tornaram-se conhecidos e reconhecidos. Nomes como Graciliano Ramos (1892-1953), Raquel de Queiroz (1910-2003) e José Lins do Rêgo (1901-1957) constavam quase de forma obrigatória nas classificações dos literatos brasileiros, juntamente com eles, Jorge Amado.

Inscritos no processo de saudosismo em relação ao passado, muitos intelectuais nordestinos, tanto ligados às Ciências Sociais quanto às obras literárias, debruçaram-se sobre a valorização do passado colonial, como guardião das tradições brasileiras, que servirá como legitimador para a ficção amadiana. Esse sempre retorno ao passado pode ser compreendido pelo fato de questões relevantes, por não serem resolvidas de acordo com a realidade do Brasil motivava a busca de representações. No vigor dessa brasilidade, estão os intelectuais nordestinos a reivindicar o Nordeste enquanto repositório da brasilidade. Jorge Amado tomará a Bahia numa situação de destaque para tal representação, enfatizando uma singularidade.

O tempo da escrita da obra, objeto de análise deste artigo, refere-se a uma Bahia que passava por um momento de pouca expressão do ponto de vista econômico e político, considerando o cenário nacional, cuja riqueza econômica sediava-se no Centro-Sul, que igualmente concentrava as decisões políticas para o encaminhamento das questões nacionais, exercendo uma hegemonia política, respaldada na instauração do processo industrial vitorioso e cujo projeto baiano iniciado, ainda no século XIX, não avançou.

É nessa mesma década de 1930, que o país elaborava os seus projetos de nação moderna, incluindo, além da ideia de modernização, a própria configuração de Estado. Durval Muniz de Albuquerque Júnior chama a atenção para a posição da Bahia em relação ao Nordeste e ao Brasil:

Quando Jorge Amado inicia a publicação de sua obra nos anos trinta, mesmo a idéia de Nordeste já estando cristalizada, não incorporava ainda a Bahia. A Bahia era vista, neste momento, como uma realidade à parte, tanto do ponto de vista econômico e político, como do ponto de vista cultural. O ser baiano, que contraditoriamente vai ser a forma de se conhecer o nordestino que chega a São Paulo, foi, durante muito tempo, considerado como tendo uma identidade divergente da nordestina. A Bahia era pensada, inclusive, quase como sendo só a região do Recôncavo, polarizado por Salvador. Será a própria obra de Amado, uma das responsáveis pela inclusão da região do cacau na geografia imaginária da Bahia. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999, p. 218-219).

Sendo o *corpus* deste estudo, a obra *Bahia de Todos os Santos...*, de Jorge Amado, a avaliação de Albuquerque Júnior é ilustrativa para a análise, isso porque, em se tratando de realidade geopolítica, a inserção da Bahia na região Nordeste, dá-se a partir de 1960. Entre 1938 a 1943 a Bahia, juntamente com o Estado de Sergipe e Espírito Santo, constituía a Região Leste. De 1944 a 1948, a Região Leste subdividiu-se em Leste Setentrional, agrupando Bahia e Sergipe e Leste Meridional, com Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro. Nova divisão que durou de 1948 a 1950, voltando a denominar-se Região Leste, formada pelos Estados de Bahia, Sergipe, Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro até 1960, quando a Bahia passa a fazer parte da Região Nordeste, situação que é mantida até os dias atuais. Esse movi-

mento geopolítico permite conjecturar que a condição de Estado nordestino da Bahia, seria marcada, não por “nordestinidade” e sim, por “baianidade”.

Em termos de conteúdo da obra privilegia o período Colonial, quando Salvador, desde a sua fundação em 1549 até 1763 sediou o governo metropolitano, reunindo funções político-administrativas, mercantis e eclesiásticas. Significa dizer que o protagonismo da Bahia no passado Colonial fundamentava o enaltecimento dessa condição como restituidor de uma realidade perdida, tendo como uma das marcas, a mudança da Capital da Colônia para o Rio de Janeiro. O escritor evidencia na obra o que pode ser considerado como uma fase de esplendor por meio da veneração ao passado.

Dessa forma, “o esplendor do passado colonial” é invocado como uma estratégia compensatória e racionalizadora para marcar a condição da Bahia no cenário nacional. Parte-se do pressuposto de que, quanto mais a Bahia se distanciava do processo de modernização do Centro-Sul do país, mais se manifestava o processo de enraizamento no discurso do passado colonial, reivindicando-se aí o *status célula-máter* da nacionalidade e da cultura brasileiras, por ter sido Salvador a primeira cidade e primeira capital do Brasil.

Considerando-se a inserção retardatária da Bahia no processo de expansão do capitalismo, nos fins do século XIX e início do XX, e o experimento de uma fase de declínio econômico e político, a tentativa de marcar a diferenciação da Bahia no Brasil dá sentido à estratégia de evidenciar o passado colonial, quando experimentou o esplendor. É do que podemos identificar, através do olhar do escritor em *Bahia de Todos os Santos: guia de ruas e mistérios*. Segundo Paulo Tavares, essa obra de Jorge Amado

É uma espécie de canto de amor à mais velha cidade do Brasil, metrópole cosmopolita que, todavia, não perdeu ainda de todo certo legado colonial, bem como certas singularidades um tanto orientais na fisionomia urbana particularizada pelo desnível topográfico em dois planos e envolvida pela tonalidade azul do mar em frente e do céu em cima. (TAVARES, 1983, p. 122).

Constitui-se o livro-guia de sessenta e seis capítulos ou itens, que vão desde a indicação de componentes da natureza: “Terra, mar e céu”, até informações históricas referentes a locais que, para o escritor, são constantemente visitados por viajantes, a exemplo de igrejas e construções civis. Tais informações servem, principalmente, para evidenciar funções que ligam esses espaços com o passado colonial da cidade.

A obra apresenta um verdadeiro roteiro de lugares, na parte intitulada “Ruas, becos e encruzilhadas”. Dando especial tratamento à religiosidade, há o capítulo intitulado “Igrejas, anjos e santos”, seguido do que trata das festividades, cujo personagem principal é “O povo em festa”. Destina um capítulo especial ao candomblé em “O mundo mágico do candomblé”, acentuando as dificuldades da sua prática, em meio às perseguições policiais.

Em grande parte da obra, dedicada aos “personagens de ontem, de hoje, de sempre”, desfilam desde figuras mais conhecidas, como Doryval Caimmy, até artesãos, que se personificam em outras obras, tendo como cenário a vida popular da Bahia, sediada no Pelourinho. Em termos de estilo, o que caracteriza o guia é o tom poético, enriquecido com as ilustrações de Manuel Martins.

Além de ter características de um guia, com apresentação dos aspectos físicos da cidade e do que ela pode oferecer de pitoresco para ser visitada pelo viajante, já anuncia aspectos como raça, cor, cultura, desenvol-

vidos mais tarde na discussão em torno da tese da mestiçagem, no romance *Tenda dos Milagres* (1969), de Jorge Amado.

Não nos interessa, portanto, questionar o que o autor escreve sobre a cidade da “Bahia”, saber se corresponde ou não à realidade. Deixa-se guiar pela “atmosfera da cidade”, de forma a entender a tese de singularidade de um espaço – Salvador – como suporte para o ideal de representação da nacionalidade brasileira.

Um passeio: ver a cidade e ver-se na cidade

Nesta seção, analisam-se algumas representações sobre a Bahia, no intuito de identificar atributos na busca de singularidade que o escritor Jorge Amado utiliza para compor/forjar um espaço que represente a nação brasileira por meio dos constituintes a partir da cidade do Salvador, com base em *Bahia de Todos os Santos: guia de ruas e mistérios*². Com o título *Bahia de Todos os Santos: guia das ruas e dos mistérios da cidade do Salvador* a obra é uma homenagem à mais velha cidade do Brasil, onde o autor evidencia o seu passado colonial, chama a atenção para as características orientais na sua fisionomia urbana, acrescidas de um desnível topográfico em dois planos, que correspondem a duas cidades: Cidade Alta e Cidade Baixa, “envolvida pelo mar”.

Dessa maneira, ver a cidade significa ir em busca dos dizeres comportados na ficção de um escritor, que se arvora em assumir o papel de um dos seus porta-vozes, de forma que ele reinventa a cidade, a qual é representada como guardiã de uma tradição também reinventada. Busca-se acompanhar a cidade, que a ficção revela captando

2 Segue a linha da obra é *Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife*, de Gilberto Freyre, publicado em 1942.

as possíveis metáforas, que a inscreve como cidade-síntese da nacionalidade brasileira cuja estratégia de existência, no texto de Amado, é a revitalização da memória a partir do atributo fundacional da cidade.

É visível no texto toda a nostalgia em relação a um passado em que a Bahia — cidade da “Bahia” —, ou seja, Salvador possibilita, assim, ver uma cidade do desejo, que se manifesta por meio dos mecanismos da linguagem e transforma-se em repositória dos atributos para representar a nacionalidade brasileira e, assim, a expressa:

É uma beleza antiga, sólida e envolvente a dessa cidade. Não nasceu de repente, foi construída lentamente e está amassada no sangue dos escravos. [...] É uma beleza que escorre como óleo do casario e das pedras negras de certas ruas, os nomes como poemas [...]. (AMADO, 1983, p. 61).

Entre as representações captadas, o escritor sugere que a Cidade do Salvador reúne atributos para representar a nação brasileira, e o baiano, habitante da cidade, para representar o povo brasileiro. A população que habita a cidade é apresentada como um caldeamento de raças e culturas de origens diferentes. Nas páginas iniciais do guia, Jorge Amado indaga: “Existe uma cultura baiana com características próprias?” e ele mesmo responde: “Creio que sim. Aqui toda a cultura nasce do povo, poderoso na Bahia é o povo, dele se alimentam artistas e escritores”. (AMADO, 1983, p. 21).

Evidencia-se uma cidade que tem sua referência de singularidade no passado, compreendendo, especificamente, a fase Colonial, sustenta-se nas falas relacionadas com a formação da civilização brasileira: a mestiçagem. Outrossim, percebe-se a recorrência à ideia de uma cidade ideal, desde os seus aspectos físicos e naturais até os espaços construídos, com ênfase nos espa-

ços-monumento, a exemplo das primeiras igrejas construídas, o Mercado Modelo e o Pelourinho, ou seja, o que, na sua trajetória literária, significa a parte antiga da cidade.

Enquanto as igrejas representavam o poder religioso, as construções civis, o poder político-administrativo do Estado português na Colônia. O atual Mercado Modelo³, durante a fase em que Salvador foi capital do Brasil, abrigou a Casa da Alfândega, responsável pelos negócios na Colônia; o Pelourinho⁴, instituição portuguesa instalada no Brasil para aplicação da justiça, funcionava onde hoje é o bairro do mesmo nome e da obra refere-se à parte antiga da cidade, o seu Centro Histórico.

Na defesa de ser a Bahia a representação da nacionalidade brasileira, Jorge Amado abre o guia, com o capítulo “Atmosfera do Salvador da Bahia de Todos-os-Santos”, que focaliza, entre outros, temas como a força do povo, o ar da cidade e o seu mistério, o “espírito” do baiano; as “revoluções” vivenciadas na Bahia e uma breve biografia de artistas e

3 O ano de 1969 registrou um incêndio nas dependências do Mercado Modelo, tendo os comerciantes aí instalados se transferido para o Mercado Popular, em Água de Meninos. Cf. Paulo Ormindo de Azevedo. A Alfândega e o mercado, memória e restauração. Salvador, SEPLANTEC, 1985.

4 Pelourinho: diminutivo de pelouro, do latim, *peloriu*. Coluna de pedra, em praça ou sítio central, junto ao qual se expunham e castigavam os criminosos. Inicialmente localizado na praça onde ficava a residência dos governadores, foi transferido para o Terreiro de Jesus, o que descontentou os Jesuítas, ao alegarem que os suplícios perturbavam os atos religiosos, sendo transferido, em 27 de agosto de 1727, para o Largo das Portas de São Bento, mudando-se, em 1807, para as Portas do Carmo. Em 7 de setembro de 1835, foi extinto pela Câmara Municipal do Salvador, tendo permanecido o nome da praça. Mudado o nome para Largo José de Alencar, em 25 de novembro de 1932. Cf. Waldemar Mattos. Evolução histórica e cultural do Pelourinho. Rio de Janeiro, Gráfica Barbere, 1978.

de literatos, sendo o autor, um desses, como podemos ler:

Quem não anuncia a própria mercadoria, tendo anunciado a dos demais, tolo é. Assim sendo, termino esse intervalo para os comerciais propondo-lhe os livros de um escriba residente no Rio Vermelho, conhecido pelo nome de Jorge Amado, por acaso o meu, caudaloso romancista. Escreve sobre a zona do cacau, a violenta saga da conquista da terra, as plantações e a vida de coronéis e trabalhadores, do povo de Ilhéus e Itabuna; escreve sobre o agreste sertão de secas, miséria, beatos, cangaceiros; escreve sobretudo sobre a cidade da Bahia e seus acontecimentos. (AMADO, 1083, p. 340).

Nota-se uma insistência, em se preservar os aspectos que representam a nacionalidade brasileira da cidade-objeto do guia – Salvador – com a denominação “Bahia”, que faz lembrar a fundação da cidade por meio da criação da Capitania da Baía de Todos-os-Santos. Para o escritor, a denominação Salvador não corresponde à realidade, que a mesma representa para a história do Brasil: primeira cidade e primeira capital do Brasil. E, como se isso não bastasse, a insistência em chamá-la Bahia ou Bahia de Todos-os-Santos, como podemos acompanhar no trecho:

[...] Esta é a cidade da Bahia. Assim a trata o povo de suas ruas desde a sua fundação a 1^o de novembro de 1549.

Pode ser que o colonizador devoto desejasse colocar a nova povoação sob o patrocínio de Jesus designando-a Cidade do Salvador. Mas somos um povo misturado, com sangue índio e muito sangue negro, e o nosso primitivismo ama os nomes pagãos tirados da natureza em torno. Bahia. Em frente à cidade está a baía enorme, belíssima, rodeando a ilha de Itaparica, recebendo as águas do rio Paraguaçu. [...] Bahia de Todos-os-Santos. O católico lusitano batizou a baía em redor. O índio e o negro crismaram a cidade que ali

nasceu: Bahia tão-somente. Não adiantou o desejo de D. João III, rei de Portugal, que, mesmo antes de fundar a cidade, deu-lhe o nome de Salvador. Não adiantou a pertinácia de Tomé de Sousa conservando-lhe esse nome quando todos a chamavam Bahia. Esse povo misturado é, por vezes, cabeçudo. Permaneceu Bahia. (AMADO, 1083, p. 25).

Na sua complexidade espacial, a cidade vai sendo tecida pelo escritor como o espaço que ocupa diferentes dimensões temporais e históricas: é uma cidade do presente, aquela Salvador de 1944, quando Jorge Amado escreve o guia, mas com o compromisso de significá-la como cidade colonial, pensada pelo projeto português do século XVI. É essa cidade da obra que o escritor apresenta: encravada na fase colonial e passando por processos de urbanização do século XX. Isso o faz reivindicar, a todo o momento, para Salvador, o papel de uma cidade-nação.

Ela é descrita mantendo expressões que correspondem às mesmas características topográficas, a exemplo de Cidade Baixa, Cidade Alta, becos, registradas em obras historiográficas. Para isso toma-se a obra *A Bahia do século XVIII*, de Luís dos Santos Vilhena, ao sinalizar:

Pouco menos de meia légua para dentro da barra, e pelo pé da montanha, que acompanha a marinha, correndo de Nordeste a Sul-Sudoeste, fica a cidade do Salvador, começando na praia no sítio da Preguiça até a Jiquitaia, com uma rua tortuosa, mas continuada com propriedades de casas de três, e quatro andares, e outros grandes edifícios, tendo de oito para nove mil pés portugueses de comprimento; e a esta povoação, que por toda a sua extensão, deita diversos becos, que vão morrer na marinha, chamam a Praia, ou Cidade Baixa. Por sete calçadas, que sobem pela colina procurando a campanha para a parte do Nascente, se comunica com a Cidade Alta, que na mesma direção da montanha corre com uma semelhante rua, com tortuo-

sidades não pequenas, desde o Forte de São Pedro, até o convento da Soledade, com meia légua de comprido com pouca diferença. (VILHENA, 1969, p. 44).

Sobre este historiador — Luís dos Santos Vilhena, Jorge Amado o denomina de cronista e o compara com um dos ilustradores das suas obras, Carybé, afirmando: “[...] Vilhena, ascendente de Carybé, não sei bem porque lado, mas parente próximo no prazer da vida e no amor à cidade”. (AMADO, 1983, p. 175). A obra empresta um tom poético aos referenciais de um título clássico da historiografia baiana, *A Bahia do século XVIII*, de Vilhena e evidencia a identificação da cidade, como denominação de um espaço vinculado à fundação da nacionalidade brasileira.

Como forma de representá-la na sua concretude a partir de características físico-geográficas, é descrita através de seus emblemas, evidenciados pela natureza e pelas construções que lhe dão feição. Além dos espaços da natureza, a obra é rica em exposição dos monumentos, enquanto marcos urbanos com possibilidades de representações.

Dos elementos da natureza, o escritor destaca o mar – povoado por Iemanjá –, o cais, cenário de experiências de personagens em outras obras do escritor, e o céu expressa a luminosidade da cidade. É esse Orixá, Iemanjá, que Jorge Amado associa com as singularidades da Bahia, ao expressar: “Veio ela da África para a Bahia de Todos-os-Santos na esteira dos navios de escravos, nos gemidos dos negros. Aqui estabeleceu para sempre sua morada”. (AMADO, 1983, p. 120).

Outros ícones como algumas igrejas, o Pelourinho e o Mercado Modelo, têm papel de destaque na descrição. As igrejas ganham um sentido especial, para além da realidade arquitetônica, como símbolo do poder

da cultura popular. Entre elas, está a Igreja do Senhor do Bonfim, considerada símbolo da fé dos baianos: “[...] a popular igreja do Bonfim, na qual se realiza um espetáculo fetichista imponente no mês de janeiro, fica na península de Itapagipe, sobre uma linda colina. Sua construção foi iniciada em 1756. Em 1923 foi elevada a basílica”. (AMADO, 1983, p. 101).

Além da Igreja do Bonfim, destaca-se a Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia⁵, descrita como representação do sincretismo do povo baiano, parte do conjunto arquitetônico colonial da Cidade Baixa, juntamente com o Mercado Modelo:

A Igreja da Conceição da Praia, dedicada ao culto da Virgem, fica em frente ao Mercado, defronte ao mar. [...]. Esta igreja, assim como a do Bonfim, é muito ligada ao povo, às suas festas, muito próxima do sincretismo religioso baiano. Não é apenas um templo católico. Pertence também aos orixás. (AMADO, 1983, p. 102).

Outra igreja que detém um significado especial na obra é a Igreja da Sé, representada como símbolo da ligação religiosa entre o Brasil e Portugal⁶ e para a qual o escritor dedica uma atitude reverencial: “A Igreja da Sé era um dos orgulhos da cidade. Talvez o maior. Um historiador acadêmico disse, certa vez, que naquele templo até o bolor era histórico”. (AMADO, 1983, p. 94).

A respeito da citada igreja, Jorge Amado faz referência a um estudo: “[...] Muitos anos depois, o poeta e ensaísta Fernando da Rocha Perez escreveu um ensaio de primeira ordem sobre a criminosa venda da Sé, *Memória da Sé*”. (AMADO, 1983, p. 97/98).⁷ A

5 Primeira igreja construída no Brasil.

6 Além de desempenhar funções político-administrativas e portuárias, a cidade do Salvador foi também sede do Arcebispado no Brasil.

7 A obra a que Jorge Amado faz referência é de autoria de Fernando da Rocha Perez. *Memória da*

respeito dessa estratégia, recorre-se a White que afirma:

[...] as narrativas históricas são não apenas modelos de acontecimentos e processos passados, mas também afirmações metafóricas que sugerem uma relação de similitude entre esses acontecimentos e processos e os tipos de estória que convencionalmente utilizamos para conferir aos acontecimentos de nossas vidas significados culturalmente sancionados. Vista de um modo puramente formal, uma narrativa histórica é não só uma reprodução dos acontecimentos nela relatado, mas também um complexo de símbolos que nos fornece direções para encontrar um ícone da estrutura desses acontecimentos em nossa tradição literária. (WHITE, 1994, p. 105).

De acordo com a obra, a Igreja da Sé é uma síntese da religiosidade do povo brasileiro, pois, “[...] Ali, onde erguia a sede da Companhia, não era possível existir a igreja tão baiana”. (AMADO, 1983, p. 95). Centrado no sítio antigo da cidade, o escritor marca os emblemas religiosos com a presença de duas igrejas localizadas no Centro Histórico: a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e a Igreja da Barroquinha:

Por fim, falemos de duas igrejas das mais populares da Bahia. A de Nossa Senhora do Rosário dos Negros, no Pelourinho, toda azul, sempre cheia de gente, extremamente ligada aos ritos do candomblé – não há mãe-de-santo, babalaô, ogã, que não seja membro da Confraria do Rosário dos Negros. Foi construída pelos escravos nos tempos coloniais. A outra é a Igreja da Barroquinha, próxima da Praça Castro Alves, em zona de mulhério e de grande animação” também ligada ao candomblé. Essas duas igrejas são dos pobres, das putas, dos trabalhadores. Nelas a festa católica tem sempre incontida força popular”. (AMADO, 1983, p. 104).

Sé. Salvador, Macunaíma, 1974. Dois capítulos merecem ser citados para o interesse em apreço: o 1º intitulado “Este progresso demolidor” e o 4º, “Morte de uma tradição”.

Para o escritor, a religião é um traço popular da cultura brasileira e indaga se não se trata, de fato, de superstição quando se refere à Bahia em relação ao Brasil, evidenciando mais uma singularidade. Sobre esse aspecto associa com as festividades presentes nos rituais das celebrações religiosas na Bahia, como podemos ler:

[...] Um e outra, o Senhor dos Navegantes e a Senhora da Praia, são transposições católicas do mito de Iemanjá, dona das águas. Pelo mar tranqüilo do golfo, com acompanhamento de saveiros, de barcas e barcaças, canoas, pequenos navios peçados de gente, ruma o santo para o cais Cairu, em frente ao Mercado Modelo, para a visita familiar, retorna no dia seguinte. No ciclo de festas populares da Bahia, todas elas nascidas de nossa democracia racial, a procissão do Senhor dos Navegantes é a de maior densidade católica. (AMADO, 1983, p. 114).

Outro emblema que ocupa um número significativo de páginas é o Pelourinho, ao mesmo tempo fazendo referência como instituição de aplicação da justiça e do poder metropolitano na Colônia, como também a denominação de um bairro em Salvador. A apologia feita ao Pelourinho está sempre relacionada com espaço de sofrimento – onde os escravizados eram castigados, por extensão à aplicação da lei. Amado enfatiza a importância do Pelourinho como guardião da cultura do povo, além de representar um saber e poder popular, como pode-se constatar:

A vida popular é intensa e poderosa. Se a Universidade Federal da Bahia tem faculdades e escolas, institutos e colégios espalhados em diversos bairros – no Canela, no Garcia, em Nazaré, na Federação –, a Universidade do Pelourinho é a própria cidade [...]. (AMADO, 1983, p. 46).

[...] Essa praça do Pelourinho é ilustre e grandiosa: sua beleza é feita de pedra e de

sofrimento. Por aqui passa a vida inteira da Bahia, sua humanidade, a melhor e a mais sofrida. (AMADO, 1983, p. 70).

Impondo-se como guardião da cultura brasileira e sinalizando a importância de um dos conjuntos arquitetônicos do período Colonial, Jorge Amado expressa incômodo com outras denominações para o Pelourinho, pois o considera como espaço que representa a cultura brasileira e afirma

Esses nomes como poemas das ruas da Bahia! Os senhores acadêmicos, historiadores de meia-pataca, filólogos que pensam estar em Lisboa e se fizeram cães de guarda da língua portuguesa não se contentam com o desejo de impor um nome pernóstico à cidade da Bahia. (AMADO, 1983, p. 67).

Como chamar de outra maneira a Ladeira do Pelourinho, onde se elevava o pelourinho nos tempos passados? (...) Deram o nome de José de Alencar à Ladeira do Pelourinho. (AMADO, 1983, p. 68).

Ao longo da obra do escritor, percebe-se a importância que é dada ao Pelourinho, cenário de alguns dos seus romances na sua fase urbana, caracterizado como espaço de relações e conflitos ao tempo em que significa uma grande contribuição à produção e à perpetuação da cultura popular. Por lá transitam tanto os que trabalham quanto os boêmios e vagabundos, personagens recorrentes em seus livros, como podemos ler:

No Pelourinho, e em seus arredores se encontra de um tudo: a escola de capoeira, as gafieiras, o salão de beleza no fundo de uma viela, os assistas, os estudantes, os músicos, os vendedores de ventoinha, a sede do afoxé, a rinha para luta de canários, a quitanda, a massa de pedra do Convento do Carmo, a alfaiataria, as engomadeiras de ternos brancos, os bares mais estranhos, a curandeira rezando o mau-olhado na porta de casa, a vidente, o padre e o operário. (AMADO, 1983, p. 71).

Outro espaço que é mostrado ao visitante é o Mercado Modelo e, mais uma vez fazendo referência a uma construção na história, marcando-a como conjunto arquitetônico da Cidade Baixa que abrigou, no período Colonial, a Casa dos Negócios e Fazenda. Assim descreve:

[...] Há uns poucos lugares inesquecíveis no mundo: A Ponte Vecchia, Florença, a Place des Grands Augustins, em Paris, a Piazza San Marco, em Veneza, certos recantos de Bruges, a praça de Dubrovnik, Monsarás, em Portugal, Samarkand, no Aserbajão, a Rampa do Mercado Modelo, na Bahia. (AMADO, 1983, p. 73).

Mesmo o tempo da escrita sendo o século XX, o escritor faz referência ao passado histórico do Mercado Modelo como forma de reverenciá-lo, expressando um saudosismo:

Em frente ao antigo Mercado Modelo, devorado pelo fogo, fica o cais dos saveiros, a célebre 'rampa'. De velas arriadas, os saveiros descarregam frutas e verduras, peixes e mariscos. Lá atrás, o Elevador Lacerda ligando as duas partes da cidade: a baixa e a alta. (AMADO, 1983, p. 309).

Segundo o escritor, como estratégia literária descomprometida com o conteúdo de verdade ou com as suas consequências, o faz dizer de uma cidade, cuja realidade descrita passa a ser mais forte do que o próprio objeto. É esse recriar que faz da narrativa literária também testemunha de uma realidade. Nesse ponto, encontram-se a história e a ficção, sem exigir que uma representação prevaleça sobre o outro, o que, na compreensão de Hayden White "Não importa se o mundo é concebido como real ou apenas imaginado; a maneira de dar-lhe um sentido é a mesma". (WHITE, 1994, p. 115).

Esta Bahia é a cidade cuja existência a ficção possibilita, pois utiliza-se de referências históricas, isso serve como suporte

para a compreensão das estruturas histórica e literária, como linguagens distintas, não indissolúveis, que constroem realidades. A literatura, nesse caso, usa-se de metáforas, no intuito de ir tecendo imagens, e essa cidade se transforma em texto; o escritor tem a liberdade de utilizar-se da narrativa para criar uma cidade-símbolo da nacionalidade brasileira. Sempre presente nas cenas que descreve, seja por meio da criação de personagens, cenários e enredos ou da vivência de suas experiências relacionadas com as cenas narradas e descritas. Jorge Amado é, por excelência, autor-narrador e personagem presente nas cenas, como pode-se observar:

Essa é a minha cidade e em todas as muitas cidades que andei a revi num detalhe de beleza. Nenhuma assim, tão densa e oleosa. Nenhuma assim, para ver. Nela quero morrer, quando chegar o dia. Para sentir a brisa que vem do mar, ouvir à noite os atabaques e as canções dos marinheiros. A cidade da Bahia, plantada sobre a montanha, penetra de mar. (AMADO, 1983, p. 63).

A descrição da Bahia, a cidade do escritor, vai além dos seus aspectos físicos, além do traçado e da topografia, possui uma singularidade: “Impossível praias mais belas do que as da cidade do Salvador. [...] O que sobra na Bahia é boniteza de praia, é mar, areia e azul”. (AMADO, 1983, p. 84). Elevando à condição de mistério, o escritor transforma a cidade num conjunto de cenas que faz parecer um roteiro cinematográfico, no qual beleza e mistério são permanentes: “Velas de saveiros, brancas e azuis, vermelhas e amarelas, sobre o verde mar baiano. A presença de Iemanjá, a deusa do mar e dos marítimos, se projeta sobre o cais e os saveiristas”. (AMADO, 1983, p. 87).

Na cidade visível, o mistério é apresentado por meio da topografia, com referências

na história da sua fundação. Atendendo às exigências técnicas do século XVI, a Cidade do Salvador, certamente, estava fora dos conceitos epistemológicos de urbanização. Fundada para atender às necessidades portuguesas daquele momento, a topografia do sítio escolhido para ser erguida a base da primeira cidade do Brasil transformava-se em item estratégico para conter as possíveis invasões das nações concorrentes do Império Português. Datado de 17 de dezembro de 1548, na cidade de Almerim, Portugal, o Regimento de Tomé de Souza (1549-1553) assim realçava a conveniência das suas funções:

Eu o Rei faço saber a vós Tomé de Souza fidalgo de minha casa que Vendo Eu quanto serviço de Deus e meu é conservar e enobrecer as capitâneas e povoações das terras do Brasil e dar ordem e maneira com que melhor e mais seguramente se possam ir povoando para exaltamento da nossa Santa Fé e proveito de meus reinos uma fortaleza e povoação grande e forte em um lugar conveniente para daí se dar favor e ajuda às outras povoações e se ministrar Justiça e prover nas coisas que cumprirem a meu serviço e aos negócios de minha fazenda e a bem das partes e por ser informado que a Bahia de Todos os Santos é o lugar mais conveniente da costa do Brasil para se poder fazer a dita povoação e assento assim pela disposição do porto e rios que nela entram como pela bondade abastança e saúde da terra [...]. (AZEVEDO, 1924, p. 49)

O documento é claro no sentido de dar instruções sobre a fundação e construção da cidade, considerando aspectos referentes ao sítio onde deveria ser erguida; à fortaleza grande e forte; aos recursos humanos; aos recursos naturais. Destaca pontos que deveriam atender aos interesses da administração portuguesa, a exemplo de um sítio que deveria ser um lugar sadio, de bons ares e

com abundância de água. Deveria, ainda, oferecer condições para a instalação e funcionamento de um porto, medida que prevenia o atracamento e a manutenção dos navios que circulavam o Atlântico Sul.

Quanto à fortaleza, essa deveria ser construída de forma que atendesse aos pré-requisitos referentes ao local do sítio escolhido. Previstas as condições de segurança contra ataques por mar e por terra, facilidades portuárias, requisitos higiênicos e boa estratégia para facilitar as comunicações, sintetizavam as exigências de se manter uma cidade fora da área metropolitana e com funções econômicas e políticas definidas.

A opção pelo sítio da Baía de Todos-os-Santos atendia à solução tipo Acrópole, de influência helênica, e à preferência dos portugueses por erguer as cidades próximas ao mar ou aos rios, em pontos elevados, equipados de porto natural. Assim, em termos de facilidades portuárias, requisitos higiênicos e comunicações fáceis, o núcleo matriz condizia com os desígnios de uma cidade que nascera com uma função específica – sediar o poder e os negócios do Império Português no Atlântico Sul, para tornar-se “Bahia”, a cidade de Jorge Amado.

Essa, de fato, era um promontório situado entre as gargantas da Barroquinha e do Taboão, cujas características eram: plantado no alto de uma escarpa, com altura média em torno de 60 (sessenta) metros acima do mar.⁸ Essa topografia, visível na ficção desdobra-se em mistério, como se fosse possível apagar a lógica do passado, mas que, paradoxalmente, faz uma apologia a esse mesmo passado e às suas estratégias, como se pode ler no trecho:

A cidade da Bahia se divide em duas: a cidade baixa e a alta. Entre o mar e o morro, a

8 Cf. Evolução física da cidade de Salvador. Salvador, UFBA/CED, 1979, p. 36.

cidade baixa é do grande comércio. As casas exportadoras, os representantes de firmas de outros Estados e do estrangeiro, os bancos, as sociedades anônimas, a Associação Comercial, o Instituto do Cacau. Antigamente, quando o mar não se quebrava no cais, quando vinha até os fundos do Café Pirangi, esta parte da cidade era tipicamente portuguesa, com seus casarões, seus azulejos, suas escadas incômodas, um cheiro de mercadorias importadas característico de armazéns e mercearias. As ruas mais próximas ao morro e as ladeiras que partem em busca da cidade alta, igrejas como a Conceição da Praia, que veio pronta de Portugal para ser armada aqui, tudo isso recorda as cidades portuguesas. (AMADO, 1983, p. 23).

Se, na obra de Jorge Amado, Cidade Alta e Cidade Baixa assumem um caráter poético, no século XVI, por meio do Regimento de Tomé de Souza, essa apelação perde o sentido, pois a ressalva feita naquele documento, além de trazer as determinações de ordem político-administrativa, jurídica, social, moral, religiosa e do aproveitamento econômico da terra, fazia exigências referentes à segurança, ao clima e à higiene, mantendo o estilo de um documento oficial estatuinte de normas relativas à construção da cidade.

Foi dessa configuração física que se apropriou o escritor para, por meio da ficção, conferir àquele espaço, atributos que não lhe foram necessários para a sua missão fundacional. Nesse sentido, a abordagem de Wolfgang Iser ajuda a compreender a força da ficção. Para ele

[...] há no texto ficcional muita realidade que não só deve ser identificável como realidade social, mas que também pode ser de ordem sentimental e emocional. Estas realidades por certo diversas não são ficções, nem tampouco se transformam em tais pelo fato de entrarem na apresentação de textos ficcionais. (ISER, 2002, p. 958).

Antes da instalação, de fato, da cidade, duas outras áreas foram pensadas: a Barra e Itapagipe. O Porto da Barra, no texto de Jorge Amado, está entre os bairros que se abrem no sentido norte/sul da cidade, a partir dos anos 1940. No século XVI correspondeu a uma das áreas principais do início do povoamento, cujo donatário foi Francisco Pereira Coutinho. Essa área foi descartada por não atender às condições previstas no Regimento, principalmente no que se refere à segurança.⁹ A segunda tentativa foi a ponta de Itapagipe que, mesmo oferecendo pontos favoráveis referentes às belezas naturais, paisagens, clima e facilidade de comunicação por meio da navegação, apresentava-se vulnerável a ataques por mar.¹⁰

Algumas paisagens e espaços descritos por Jorge Amado podem ser fotografados ou filmados, mas, a Bahia, mesmo parecendo outra, é a sua cidade, fazendo o leitor conhecê-la para além da sua realidade física e humana, por força da ficção. Por mais real que possa parecer, há, ao longo da narrativa, um conjunto de termos e expressões que dão singularidade a ela, a exemplo da referência à Ladeira da Montanha:

Várias ladeiras ligam a cidade baixa à alta. A mais importante delas é a Ladeira da Montanha, aberta ao morro em cuja encosta rasgam-se buracos acimentados onde ferreiros trabalham e nos quais, por mais incrível que pareça, residem famílias. (AMADO, 1983, p. 23).

Para Portugal, a fundação da cidade significou um porto para o atracamento dos seus navios e realização do comércio nos séculos XVI e XVII; já, na ficção, a qual vive vol-

tada para o passado, pois esse representou o seu momento de glória, e essa se refere ao fato de ter sido Salvador, a primeira cidade fundada no Brasil e a sua primeira capital, completando-se pelo pitoresco e sensual. Na ficção, as circunstâncias históricas que deram o sentido de fundação não bastam para captá-la enquanto cidade da Bahia, a do escritor, a ponto de esse fazer uma discussão em torno da denominação. Ao longo da obra, ele trata, com insistência, da importância que há – tendo ocupado a função de capital – em manter a denominação de Bahia e, não, Salvador, discussão que chega a travar com intelectuais:

Os filólogos e historiadores perdem tempo discutindo se esta cidade se chama cidade do Salvador ou cidade de São Salvador. Cidade do Salvador da Bahia, dizem alguns. A verdade é que ninguém está ligado a mais mínima aos filólogos. Os nomes das cidades resultam da discussão acalorada dos graves senhores acadêmicos. Podem eles perder o tempo que quiserem, podem encher colunas de jornais com maçudos e maçantes artigos, escrever grossos volumes que ninguém lê, xingar e a esbravejar, o povo continua chamando sua cidade pelo doce nome de Bahia. Esta é a cidade da Bahia. Assim a trata o povo de suas ruas desde a sua fundação a 1º de novembro de 1549. (AMADO, 1983, p. 25).

O que se constata da reivindicação do escritor é que, em tendo nascido Baía, da capitania da Baía de Todos-os-Santos, assim deveria permanecer. É defendido, portanto, o nome de fundação – Bahia – e não a sua denominação administrativa – Salvador. A insistência dessa estratégia, ao longo da obra, expressa a possibilidade da ficção em construir imagens de determinadas realidades e mistérios, para cumprir aquilo que o escritor diz e que, possivelmente, o técnico em urbanização poderia não dizer, como podemos ler no trecho:

9 Por este ponto, registrou-se o desembarque dos holandeses, em 1624.

10 Em 1638, quando da segunda investida vitoriosa dos holandeses, por terem sido impedidos de ter acesso através da Barra.

As duas cidades se completam, no entanto, e seria difícil explicar de qual das duas provém o **mistério** que envolve a Bahia. [...] Impossível explicar o mistério dessa cidade. Ele rola sobre a Bahia, é como um óleo a envolvê-la. (AMADO, 1983, p. 24, grifo nosso).

Assim, a singularidade da Bahia, além das suas características físicas, está no fato de ser a cidade cuja referência mais significativa é o passado integrado com o futuro passa a representar o “segredo” do equilíbrio da “cidade” de Jorge Amado, o que reforça a perspectiva de um saudosismo com relação ao passado Colonial, no qual a Bahia teve papel de primeira capital, portanto, centro das decisões do Império Português no Atlântico e, segundo a obra:

Assim é a Bahia. Esse é o seu clima, **ligado ao passado**, fitando o futuro. Nenhuma outra cidade do Brasil se mantém nesse equilíbrio espiritual que exige dos homens uma constante vigilância para não cair num conservadorismo reacionário ou num anarquismo inconstrutivo. (AMADO, 1983, p. 20, grifo nosso).

Trata-se de um ficcionista que situa sua importância, não apenas enquanto representação da realidade, no que aproxima a história da literatura, usando as referências de um escritor, reconhecido pela crítica literária e por ele próprio, como um contador de histórias, o que não lhe desmerece porque história contada também é literatura. Enfatizar a literatura enquanto expressão de mágoas, nostalgias, carências, na sua capacidade de recuperar passados, significa compreendê-la como uma forma do imaginário capaz de reproduzir uma realidade exterior.

Assim, a obra *Bahia de Todos-os-Santos: guia das ruas e dos mistérios* é uma narrativa sobre a cidade do Salvador alçada à condição de síntese da nacionalidade brasileira, argumentando o seu caráter fundacional. Dessa

forma, sem se desvincular da realidade — a fundação de uma cidade para cumprir tarefas do processo de colonização portuguesa em terras da América — o escritor, de forma saudosista, narra sobre uma cidade que viveu de acordo com as suas representações: uma fase de esplendor. Ao mesmo tempo reivindica esse lugar para a cidade do Salvador, a de síntese da nacionalidade brasileira.

Considerações finais

Este artigo analisou representações presentes na obra *Bahia de Todos os Santos: guia de ruas e mistérios* (1945), de Jorge Amado: a Salvador e parte do Recôncavo baiano. Essas representações expressam um significado compensatório quando buscam positivar a imagem da Bahia por ter perdido a sua importância econômica no cenário nacional, a partir do século XIX.

Ao longo da narrativa, constata-se que o escritor busca marcar uma singularidade para representar a nacionalidade brasileira, com ênfase no caráter fundacional da cidade do Salvador ou como quer a ficção de Amado: Cidade da Bahia. Dessa forma, tais representações terminam por compensar a condição de falta de expressão da Bahia no cenário nacional a partir da segunda metade do século XIX e primeira metade do XX.

As representações presentes na obra revelam um intuito de dar visibilidade a uma Bahia cuja importância — econômica — está no passado quando era capital do Império Português na América. Nessa reavaliação e valorização do passado, a ficção amadiana insiste em situá-lo como lugar de origem, que organiza uma ideia de nação: a brasileira. Por isso, uma cidade narrada como uma grande matriz capaz de, a partir dessa singularidade projetar, no restante do país, modos de ser e de existir, o que inclui uma baianidade como referência nacional.

É possível, nesse sentido, que a Bahia ultrapasse a ideia de passado que o atraso econômico lhe conferiu e que seja futuro: o estado onde o país precisa chegar. Trata-se, portanto, de uma busca de compensação que se efetivou quando Jorge Amado se tornou mundialmente conhecido e a Bahia amadiana foi se tornando vitoriosa na construção da nacionalidade a partir da Bahia, ou melhor, Salvador.

No entanto, que desdobramentos podem advir dessas representações? Pode-se considerar que, por meio da sua obra *Bahia de Todos os Santos: guia de ruas e mistérios* a Bahia ganhou projeção que permite ser reconhecida mesmo fora de um panorama de desenvolvimento econômico situado em determinado tempo histórico e passa a pertencer a outro quadro de referência, expresso pela cultura imaterial. Dessa forma, a ficção de Jorge Amado, talvez seja uma revelação incontestável da força das representações.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Recife: FJN, Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.

AMADO, J. **Bahia de Todos-os-Santos: guia de ruas e mistérios**. 35 ed. Rio de Janeiro: Record, 1983.

AZEVEDO, P. A instituição do Governo Geral - Regimento de Tomé de Souza (17 de dezembro de 1548) In Pedro Azevedo. **História geral da colonização portuguesa no Brasil**. Porto. Litografia Nacional, 1924. v. 3.

CHARTIER, R. **A História cultural**. Entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988^o.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Evolução Física da Cidade de Salvador**. Salvador, UFBA/CED, 1979.

ISER, W. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. In LIMA, Luiz Costa. **Teoria da literatura em suas fontes**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

PEREZ, F. da R. **Memória da Sé**. Salvador, Macunaíma, 1974.

TAVARES, P. **O baiano Jorge Amado e sua obra**. 5 ed. Rio de Janeiro: Record, 1983.

VILHENA, L. dos S. **A Bahia no século XVIII**. Salvador, BA: Itapuã, 1969, vol. 1, livro 1.

WHITE, H. **Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura**. São Paulo: EDUSP, 1994.

Recebido em: 15/04/2023

Aprovado em: 10/06/2023



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.